

## A QUESTÃO DA POLIFONIA NO DISCURSO VIEIRIANO: UMA ANÁLISE DO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

Cláudia Roberta Tavares Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo discuto a polifonia apresentada no *Sermão da Sexagésima*, escrito pelo padre Antônio Vieira, tomando por base a proposta de Bakhtin. Para tanto, os objetivos são: identificar as condições de produção em que o sermão foi elaborado; b) analisar o sermão em relação aos aspectos linguístico, sócio-econômico e político-religioso; e c) analisar os conceitos que se referem ao dialogismo entre textos. Os resultados revelam que o discurso de Vieira é um reflexo de diversas “vozes” presentes no interior do sermão, mostrando assim um aspecto dialético e dinâmico. Nessa acepção, o sermão é um texto polifônico. Ademais, Vieira pretende adequar seu discurso ao contexto sócio-histórico, a fim de convencer seus interlocutores. Ao longo do sermão, há muitos conflitos ideológicos. Vieira utiliza-se da palavra e impõe um sentido de onipotência ao seu discurso, em virtude de essa palavra ser ideológica em sua essência e baseada em significações construídas a partir das relações sociais que ocorrem durante a interação verbal.

**PALAVRAS-CHAVE:** polifonia; ideologia; discurso; sermão

**ABSTRACT:** In this paper I discuss about the polifony presented in *Sexagesima Sermon* written by priest Antônio Vieira based on Bakhtin’s proposal. For this, the goals are: a) to identify the production conditions in which the sermon was produced; b) to analyze this sermon in relation to linguistic, social, economic, political and religious aspect and c) to analyze the concepts refer to dialogism among texts. The results reveal that Vieira’s discourse is a reflex from several “voices” that are presented in the inner of sermon, showing a dialectical and dynamic aspect. In this case, the sermon is a polyphonic text. Furthermore, Vieira intend to adapt his discourse to social-historical context to persuade the interlocutors. During the sermon, there are many ideological conflicts. Vieira uses the word and imposes a sense of omnipotence to his discourse. This word that is ideological in its essence based on significations constructed from social relations that occur during the verbal interaction

**KEY-WORDS:** polifony; ideology; discourse; sermon

### 1. Introdução

Os sermões de padre Antônio Vieira, considerado um dos maiores oradores do discurso sacro do período barroco, têm sido estudados por vários críticos da atualidade que enfocam apenas a superfície do discurso e não consideram a ideologia subjacente às proposições (CUSATI, 1994; CASTIM, 1998, dentre outros). Com base na referida limitação dos críticos, observo que os resultados das pesquisas baseados na *cultura do*

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e docente da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

*mito* são o reflexo de um raciocínio louvável, porém, tendencioso, que idealiza Vieira como grande mestre da prosa portuguesa. Ademais, observo que, no discurso desse religioso, além da engenhosidade de seu pensamento, questões de ordem social, política, econômica e religiosa parecem revelar-se de forma muito nítida.

A partir da leitura do *Sermão da Sexagésima*, pregado na Capela Real de Lisboa em 1655, infiro que nele há, inevitavelmente, um forte teor de conteúdo ideológico. Vieira, através de um engenho todo particular e de uma linguagem persuasiva, utiliza-se do texto sagrado a fim de conciliar, dentro do discurso, seu mundo e sua ideologia com o público da época que o escuta e o contempla.

Tomando como *corpus* o *Sermão da Sexagésima*, tenho por objetivo central discutir acerca do processo polifônico construído no sermão, tomando por base os aspectos de ordem linguística, socioeconômica e político-religiosa. Ademais, tenho por objetivos específicos: a) analisar as condições de produção desse sermão; b) fundamentar a análise sob a ótica da perspectiva bakhtiniana, que considera o discurso como a real unidade da língua e a ideologia como o reflexo das estruturas sociais, levando em conta que “toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua.” (BAKHTIN, 1992, p. 15); e c) problematizar os conceitos de intertexto, paráfrase e estilização, seguindo Sant’anna (1988), a partir do sermão em análise.

Partindo do fato de que a interação verbal é um dos principais aspectos abordados por Bakhtin, pois através dela o signo é (re)construído pelos sujeitos, estando em permanente transformação devido à ideologia que o constitui, refletindo as relações sociais e as lutas de classes, assumirei neste trabalho que Vieira e o público são constituídos pela palavra, esse signo ideológico por excelência, de caráter dialógico e inacabado, que reflete as relações sociais. Assim sendo, Vieira e o público são inacabados e refratados. Nesse sentido, durante a enunciação, há, portanto, um diálogo sócio-ideológico, o que faz esses sujeitos não serem “donos” de seus discursos.

Vale referir ainda que a ideologia pode ser materializada no signo sob diferentes formas, tais como por intermédio dos gestos, da arte e, sobretudo, da palavra, pois é nela que as lutas de classes são instauradas, gerando, assim, uma relação dialética de dominação e resistência. Tal relação se estabelece em decorrência dos choques de valores e dos interesses das classes sociais. Nesse sentido, o signo possui valor semiótico, valor esse que é determinado pela comunidade semiótica, ou seja, por sujeitos que compartilham de uma mesma posição ideológica. Não obstante, mesmo inseridos numa comunidade semiótica, esses sujeitos mantêm uma relação complexa, típica das lutas de classes.

Com base no acima exposto, é plausível perceber que Vieira, ao pregar o *Sermão da Sexagésima*, mantém uma relação complexa com seu interlocutor (público), visto que estão em constantes embates a ideologia dominante e a do dominado. O orador, ao utilizar os gestos e, sobretudo, ao fazer uso da palavra, impõe um sentido de “onipotência” ao seu discurso de forma a manter o dominado numa esfera de conformismo. Tal palavra, que é o signo ideológico por excelência, não vem desprovida

de significações, pois as relações sociais determinam quais significações serão construídas durante a enunciação. Segundo Bakhtin (1992, p. 17), a língua é a “expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo ao mesmo tempo de instrumento e de material.”.

O signo, na perspectiva bakhtiniana, (re)construído pelos sujeitos na interação verbal, reflete e refrata a realidade, tendo em vista sua interdependência com o social. Nessa acepção, o signo é plurivalente e inacabado com base nas transformações sofridas ao longo das enunciações que se instauram no decorrer da evolução histórica. Sabedor desse caráter plurivalente e sociológico do signo cuja função é significar, Vieira tenta torná-lo monológico, a fim de que seja perpassado um “único” sentido, para que não haja contestações pelo dominado. Dessa forma, dá-se o processo de alienação por meio do qual a ideologia busca mascarar e até mesmo deturpar determinada realidade.

Cumprido dizer que tanto a estrutura sociopolítica (infraestrutura) quanto a estrutura ideológica (superestrutura), que constituem Vieira e o público, são interdependentes e interagem de forma dialética. Havendo modificação na superestrutura, indubitavelmente, haverá modificação na infraestrutura, ou seja, dependendo do “lugar” que o sujeito ocupe, ele irá perpassar e materializar por meio da palavra esse “lugar” construído pela estrutura ideológica que pode sofrer alteração no decorrer da história.

Assumindo, portanto, a plurivalência do signo linguístico, Bakhtin considera um “erro grosseiro” a separação que se faz entre a língua e o social, tendo em vista os signos serem sociológicos e atravessados pela ideologia que os constitui, fazendo-os viver e evoluir historicamente. Para ele, os signos são concretizados no mundo exterior por intermédio das enunciações definidas como momentos concretos da comunicação verbal que, além de sociais, são também individuais no sentido de serem as instâncias únicas em cada condição de produção pelos sujeitos.

Nas enunciações, temas ou conteúdos, determinados por fatores sociais e não por fatores biológicos e fisiológicos, enunciados pelos sujeitos, se revestem de várias significações, dependendo do lugar que ocupam ao enunciá-los, lugar esse que é determinado pelo social e pela ideologia. Os meios usados pelos sujeitos para concretizar tais conteúdos são os discursos materializados na palavra, que podem ser de vários tipos, dependendo das condições históricas e sociais de sua produção. Nesse sentido, tanto há o contexto de enunciação quanto há o contexto ideológico; o primeiro diz respeito ao momento em que os enunciados são produzidos, enquanto o segundo vai determinar o que pode e deve ser dito na enunciação. Com base nisso, para se fazer a análise do processo polifônico no *Sermão da Sexagésima*, é necessário levar em conta esses dois contextos, pois Vieira tenta adequar seu discurso à situação de enunciação para convencer os ouvintes quanto ao que está sendo enunciado, não permitindo, portanto, que os não-ditos sejam problematizados.

## 2. O discurso argumentativo e o jogo de vozes no sermão vieiriano: relação do dito com o não-dito

Na bocca de quem não faz a prègação, até o chumbo é cortiça. As razões não hão-de ser enxertadas, hão-de ser nascidas. O prègar não é recitar. As razões proprias nascem do entendimento, as alheias vão pregadas á memória, e os homens não se convencem pela memória senão pelo entendimento.

Padre Antônio Vieira

O *Sermão da Sexagésima*, à semelhança de todo sermão, tem uma estrutura que lhe é peculiar: o uso do texto bíblico serve de mola mestra no desenvolver de todo o discurso sermonístico. Nesse sermão, padre Antônio Vieira fundamenta sua argumentação de modo a comprovar ao público a concatenação lógica dos enunciados que estão sendo apresentados. O público que o escuta é seletivo por ser composto pelos membros da corte portuguesa e pelos clérigos. Segundo Hadaad (1963, p. 28), “Da perspectiva de Vieira, público que o ouve é Rei e rainha, é papa, quando muito fidalgo. Os ouvidos dos demais podem por ele ser considerados surdos.”.

Por meio da argumentação que flui na fala de Vieira, dá-se a alienação definida como o “[...] processo fantástico no qual as atividades humanas começam a se realizar como se fossem autônomas ou independentes dos homens e passam a dirigir e comandar a vida dos homens, sem que estes possam controlá-las.” (CHAUI, 1993, p. 58). A alienação subjacente ao discurso vieiriano dá-se em duas direções: uma, do orador para o orador e a outra, do orador para o público. A primeira refere-se ao fato de Vieira tomar por “verdadeiros” os conceitos perpassados pela pedagogia jesuítica em que foi instruído, tornando-os “regra de fé” para sua vida e a segunda refere-se ao fato de Vieira tornar “verdadeiros” os conceitos enunciados ao público. Por isso, diversas vezes, ele faz definições embasadas em argumentos de autoridade longe de gerar ambiguidade na mente do ouvinte: “Esta proposição é de fé definida no Concílio Tridentino e no nosso Evangelho a temos” (VIEIRA, 1951, p. 8).

A plasticidade presente no discurso vieiriano, que é caracterizada pelo jogo de imagens e pela esfera circular própria do estilo barroco, tende a causar uma expectativa no público de modo a prender sua atenção, não o deixando fugir das matrizes lógicas do raciocínio. Assim, Vieira coloca seu público numa esfera de observação que permite aceitar a ideologia que lhe está sendo imposta implicitamente. Desse modo, entram em cena os chamados *tropos*, recursos estilísticos e retóricos, bastante usados no discurso do orador. Como afirma Castim (1998, p. 9): “[...] em Vieira, a alegoria realça, a metáfora avulta, a antítese sobreleva, o paradoxo distingue-se, a anáfora projeta-se, a ironia brilha e fere, o epânodo ressalta e sensibiliza.”. Vejam-se alguns trechos do sermão que ilustram o uso desses tropos:

Será finalmente a causa, que tanto há buscamos, a voz com que hoje fallam os prègadores? Antigamente prègavam bradando, hoje prègam conversando. Antigamente a primeira parte do prègador era boa voz, e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, pôdem ás

vezes mais os brados que a razão. Boa era também esta, mas não a podemos provar com o semeador, porque já dissemos que não era officio de bocca. Porém o que nos negou o Evangelho no semeador metaphorico, nos deu no semeador verdadeiro, que é Christo. Tanto que Christo acabou a parabola, diz o Evangelho que começou o Senhor a bradar: *Hac dicens clamabat*. Bradou o Senhor, e não arrazoou sobre a parábola, porque era tal o auditorio, que fiou mais dos brados do que da razão. (VIEIRA, 1951, p. 25)

A doutrina de que elles zombam, a doutrina que elles desestimam, essa é a que lhes devemos prègar, e por isso mesmo, porque é a mais proveitosa e a que mais hão de mister. O trigo que cahiu no caminho comeram-no as aves. Estas aves, como explicou o mesmo Christo, são os demonios, que tiram a palavra de Deus dos corações dos homens: *Venit diabolus, et tollit verbum de corde eorum* [...] a doutrina que os homens pisam, a doutrina que os homens desprezam, essa é a que o diabo teme. (Ibid., p. 33)

O uso dos *tropos* é, portanto, uma das estratégias vieiriana para obscurecer o não-dito, o implícito, subjacente ao dito. Nesse sentido, o orador visa a silenciar os vários sentidos construídos e concretizados a partir da enunciação do discurso, procurando transmitir ao ouvinte um “único” sentido, sem que haja contestação por parte deste. Para Orlandi (1997, p. 55), “[h]á pois uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer uma “coisa”, para não deixar dizer “outra”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer.”.

Ao longo da *Sexagésima*, observo o tom analítico e racional do pensamento vieiriano. Através da engenhosidade de seu pensamento e do processo de enumeração característicos de sua sermonística, o orador exemplifica, por meio de textos bíblicos, os conteúdos ligados à matéria do sermão. Esses conteúdos à medida que vão sendo enunciados, vão sendo, imediatamente, explicados, criando, por sua vez, uma esfera unívoca que, segundo Wölfflin (*apud* HADDAD, 1963, p.15), convida o leitor a ver como um *todo*: “Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão – de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar n’ella.” (VIEIRA, 1951, p. 20). Um dos exemplos que merece destaque por apresentar, nitidamente, o processo de enumeração é o seguinte:

No prègador podem-se considerar cinco circunstancias: a pessoa, a sciencia, a matéria, o estylo, a voz. A pessoa que é, a sciencia que tem, a matéria que trata, o estylo que rege, a voz com que falla. Todas estas circunstancias temos no Evangelho. Vamol-as examinado uma por uma, e buscando esta causa.” (Ibid., p. 12)

Partindo para uma visão linguística mais detalhada do sermão em estudo, tratase de um texto bem construído, livre de improvisações. Sendo um texto que tem um caráter translinguístico, esse sermão é construído a partir do entrecruzamento de diversos enunciados provenientes de outros textos anteriores ao momento de sua escrita e que passam por algumas transformações, fazendo parte efetiva deste. Nessa concepção, o texto é um *continuum* de outros textos que estabelece relação com o meio político, social e histórico, dando-lhe, assim, um caráter intertextual.

Segundo Barthes (1980, p. 13), a própria obra “[é] o produto de um certo processo de sentido; mas, por outro lado [...] um conjunto de frases (um discurso) não é um simples somatório de frases, e que por conseguinte há algo de novo, de original, embora indefectivelmente semiológico, que se efetua a partir do momento em que se passa da frase ao discurso”. Nesse sentido, supera-se a concepção saussuriana da imanência da língua enquanto objeto estático e fechado e caminha-se para a concepção bakhtiniana do dialogismo, segundo a qual a língua “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta.” (BAKHTIN, 1992, p. 122).

A passagem da frase ao discurso dá-se pelo fato de a comunicação linguística ser permeada por dois aspectos importantes: o primeiro é o aspecto performativo, no qual as palavras são ditas no momento da enunciação longe de constatarem algo, mas de apenas permitirem ao locutor desempenhar o papel de enunciá-las, mostrando assim sua interferência no mundo; o segundo diz respeito ao aspecto proposicional, no qual o locutor, no momento da enunciação, consiste em ir além da simples disposição das palavras no discurso, mostrando sua intenção de forma implícita na escolha de tais palavras. Essas palavras, por conseguinte, têm por meta chamar a atenção do público sobre um dado assunto a fim de convencê-lo. Essa preocupação em convencer o público a aceitar seu discurso como verdadeiro, Vieira mesmo expressa em seu sermão: “... uma coisa é expôr e outra é pregar, uma ensinar e outra persuadir. E d’esta ultima é que eu falo, com a qual tanto fructo fizeram no mundo Santo Antonio de Padua e S. Vicente Ferrer.” (VIEIRA, 1951, p. 21).

Vale destacar aqui que os sentidos construídos a partir dos enunciados contidos no sermão são condicionados pela própria atitude do orador, tendo em vista a existência do *ethos*, próprio da retórica antiga, consistindo na maneira implícita do orador mostrar suas qualidades, fazendo uso da palavra no seu discurso. Muitas linguagens estão envolvidas nesse processo, pois o enunciador como sujeito de seu discurso estabelece no interior deste uma relação dialógica em que se pode perceber não uma linguagem “única”, “singular”, mas uma linguagem pluralizada, condicionada pela ideologia dominante e concretizada na interação verbal.

## **2.1. A construção da persuasão e as condições de produção do discurso vieiriano**

Na comunicação concreta e interativa do Eu (Vieira-enunciador) com o Outro (público-enunciatário), as condições histórico-sociais externas ao Eu determinam o que ele vai enunciar. Bakhtin (1992, p. 154) afirma que “[a]s condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época.”. Com base nisso, é possível perceber que a sociedade estratificada, própria da política mercantilista vigente no século XVII, foi um dos fatores que influenciou Vieira a produzir o *Sermão da Sexagésima*.

Devido à expansão territorial das terras brasileiras nesse século pelos portugueses, em busca do acúmulo de capital advindo da agromanufatura açucareira,

outros países europeus, como Holanda, França e Inglaterra, começaram a promover expedições invasoras ao território brasileiro. Como consequência disso, muitos cristãos que não eram da ordem dos jesuítas passaram a ter contato com os indígenas, pregando outra forma de culto, visando não apenas à conversão dos nativos, mas também aos seus interesses econômicos e políticos.

Com a vida de escravidão e violência imposta pelos colonos portugueses, os nativos, em busca de liberdade, começaram a ter contato com outros povos, considerados “hereges”. Vieira, ao analisar o prejuízo que isso traria ao comércio de Portugal, tenta conscientizar os colonos a não escravizarem os nativos, propondo a isenção destes quanto à autoridade civil e ao pagamento de seus salários. Essa defesa, em benefício dos índios, tem ligação com a ideologia capitalista presente no pensamento vieiriano. Segundo Haddad (1965, p. 35), “O inimigo não é propriamente o estrangeiro. O inimigo agora é o herege.”.

Para Vieira, os índios não têm apenas o direito da salvação eterna, mas também o de aceitar e defender a religião jesuítica de forma a impedir o avanço dos “hereges” nas terras brasileiras. Dessa forma, o orador visa a “[...] suscitar na América um povo escolhido, vassallo do mesmo rei, sujeito porém á regra sublime da Companhia, no que ella pode adequar-se aos interesses humanos.” (AZEVEDO, 1999, p. 73).

Os colonos portugueses tornam-se, no entanto, indiferentes quanto a dar liberdade aos indígenas, pois permanecem com a idéia de que os nativos têm de trabalhar arduamente por serem considerados mão-de-obra barata, sem direito a salários, tendo que se adaptarem a todo custo à vida “civilizada” do país dominador: Portugal. Nesse sentido, há o choque de culturas: os portugueses obrigam os nativos a negar sua identidade sociocultural para que, assim, assimilem a ideologia do país dominador.

Não se conformando, portanto, com as invasões ocorridas no território brasileiro, os jesuítas, sobretudo Vieira, e os demais portugueses lutavam de todas as formas por meio de cruzadas e guerras santas para expulsar os inquilinos invasores: os primeiros utilizavam-se da religião como forma de conscientizar os aprendizes, ou seja, os índios, de que o ensino perpassado pela ordem dos jesuítas era o único verdadeiro, sendo os holandeses, franceses e ingleses “hereges” por pregarem ensinamentos “falsos”, que não condiziam com os preceitos ensinados na escola jesuítica; os segundos, navegadores portugueses, senhores de engenho e governadores gerais, utilizavam-se da força por meio de guerrilhas, levando muitos à morte. Indignado, por exemplo, com o avanço dos cristãos holandeses em terras brasileiras, sentenciou Vieira (*apud* SOUZA, 2000, p. 33): “Morto está o Brasil”. Devido ao clima de insatisfação entre portugueses e holandeses, deu-se a chamada Guerra Santa. Segundo Souza (*Ibid.*, p. 18),

[o cristianismo] presenciou os paradoxos daqueles que morriam em nome de Deus. Enfrentou divisões, cismas, intolerância até mesmo de cristãos contra cristãos. Foi questionado, negado e reafirmado. Influenciou modelos de organização social e comportamento social. Serviu de inspiração para feitos heróicos. Despertou sentimentos de solidariedade humana – e muitas vezes

foi utilizado pelos mandatários do poder temporal e religioso para legitimar interesses os mais mesquinhos e anticristãos.

Foi nesse período de turbulência entre portugueses e outros povos que Vieira pregou o *Sermão da Sexagésima* em Portugal, diante da corte portuguesa e dos clérigos. Nesse sermão, ele exalta o “pregador dos passos” em detrimento do “pregador dos paços”, estes últimos representados pelos católicos dominicanos e “hereges”.

A crítica dirigida aos dominicanos consiste no fato de que eles “se vangloriavam (em decorrência de um passado de pregações na Índia e na Tartária, assim como de disseminação de mosteiros na Pérsia e na Arábia)...” (SALOMÃO, 1997, p. 49). Com essa atitude, os dominicanos consideravam-se superiores aos jesuítas, tendo em vista o avanço da evangelização em outros países. Contra essa vanglória, Vieira mostra, através do trocadilho passos *versus* paços, que o verdadeiro pregador não é aquele que se contenta em ficar nos paços em meio a pompas e vanglórias, mas aquele que com os passos sai a semear, vendo o resultado da sementeira: os frutos. Numa carta dirigida ao padre Jácome Iquazafigo, Vieira (*apud* SALOMÃO, *ibid.*, p. 49) declara: “En el año de 1655, predicando yo en la Capilla Real de Lisboa el sermón de la Sexagesima sobre el Evangelio *Semen est Verbum Dei*, conté entre los modos infructuosos de predicar el estylo apostillado, em que se tomam muchos assumptos, y ninguno se sigue de modo que pueda persuadir, por las razones alli apuntadas en el [...] este estylo es lo que usan los Padres Dominicanos de Portugal [...]”.

Outros aspectos da crítica de Vieira dizem respeito à utilização de vocábulos difíceis pelos seguidores da Ordem Dominicana que faziam o público apenas se deslumbrar, bem como ao vínculo que essa Ordem mantinha com a Inquisição ou Santo Ofício. Por meio desse vínculo, os dominicanos criticavam e perseguiram Vieira, porque defendia a permanência dos “cristãos-novos”, ou seja, dos judeus que se achavam em Portugal e que eram fonte de lucro para o comércio desse país.

No sermão vieiriano, portanto, por trás da questão religiosa, estão subjacentes questões políticas que são apresentadas, em alguns momentos, pela crítica dirigida aos dominicanos e aos “hereges”. Observe-se este trecho do sermão: “Este desventurado estylo que hoje se usa, os que querem honrar chamam-lhe culto, os que o condemnam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado.” (VIEIRA, 1951, p. 18). Nessa citação, uma das marcas do estilo barroco encontra-se presente: o exagero, pois a utilização da gradação *escuro, negro, negro boçal, muito cerrado* reforça a idéia de “indefinição” do espírito daqueles que utilizam o “estylo culto”. Esse estilo, por conseguinte, não permite ao público a clareza dos enunciados, mas sim que este fique numa esfera de passividade e conservadorismo, o que possibilita a não-compreensão do implícito subjacente ao jádito no momento da enunciação. Vieira, ao definir tal estilo, toma uma posição política, pois, por detrás de seu discurso, há um dos objetivos a ser alcançado: o de levar os ouvintes a aceitar a religião católica professada pela ordem dos jesuítas como verdadeira, capaz de levar o homem a Deus. Nesse sentido, a enunciação é social por ser o lugar da materialização da ideologia em que os interlocutores (Vieira/público) compreendem

e(re)constroem significações a partir do lugar que ocupam no momento dessa enunciação, o que faz da palavra um signo concreto, variável e significante.

O orador, ao apresentar a sequência de adjetivação supracitada, permite ao ouvinte a criação de uma imagem mental, em que é vislumbrado o ambiente de escuridão, diferentemente de uma esfera de luminosidade. Esse antagonismo, Luz *versus* Trevas, metaforicamente pode representar, respectivamente, o Céu e o Inferno, que seriam representados, respectivamente, pelos jesuítas e pelos dominicanos e “hereges”.

Intencionalmente, Vieira, ao parafrasear o texto da segunda carta paulina a Timóteo no capítulo quatro e nos versículos de três a quatro, fala da penetração de heresias no Novo Mundo, tentando despertar na corte portuguesa e, sobretudo, nos religiosos jesuítas uma atitude crítica diante das invasões ocorridas no Brasil, pondo em risco o domínio de Portugal:

Miseráveis de nós, e miseráveis dos nossos tempos, pois n’elles se veio a cumprir a phophecia de S. Paulo [...] Fecharão os ouvidos à verdade, e abrilosão à fábulas. Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento, e quer dizer comedia; e tudo são muitas pregações d’este tempo. São fingimentos, porque são sutilezas e pensamentos aereos sem fundamento de verdade; são comedia, porque os ouvintes veem á prègação como á comedia; e há prègadores que veem ao pulpito como comediantes. (VIEIRA, 1951, p. 31).

A partir da citação acima, é plausível perceber um forte partidarismo de Vieira, pois utiliza-se do Evangelho para defender os interesses econômicos, políticos e religiosos da corte portuguesa. Ele persuade o público a aceitar como unicamente verdadeiro o Evangelho promulgado pelos jesuítas, levando-os a banir o Evangelho pregado por outros cristãos, inclusive, por aqueles que são da Ordem dos Dominicanos.

Utilizando-se do material verbal como forma de demonstrar sua imagem de homem prudente, sincero e virtuoso, o orador confere, assim, a credibilidade do seu discurso e a confiança por parte do público que o escuta. É por intermédio da voz, do gesto e do olhar que ele vai construindo os sentidos, ao mesmo tempo em que estabelece um maior contato com o público, fazendo-o coparticipante do enunciado que está sendo proferido. A partir disso, há um jogo cênico, o que faz do orador um dos grandes expoentes da homilia sacra que, com a entonação, surpreende o público; com o olhar, expressa segurança e, com a gestualística, permite prender a atenção do público para o que está sendo dito.

Ao longo do *Sermão da Sexagésima*, Vieira dá destaque ao poder que as palavras estabelecem com as ações, relacionando a linguagem com a “verdade” dos enunciados. Tomando como fundamento o caráter performativo e elocutário, através do qual há uma comunicação direta entre o enunciado e o contexto sócio-histórico, o orador enuncia os fatos de tal forma a determinar a interpretação por parte do público e, ao mesmo tempo, prender a atenção deste. O uso de alguns verbos no imperativo é uma das formas de chamar a atenção, tais como: “Reparai”, “Dizei-me”.

Para que a pertinência dos enunciados seja apresentada, o orador toma como base o texto bíblico, que serve de confirmação aos conceitos que ele próprio argumenta. O público, ao ouvi-lo, vai sendo persuadido de tal forma que nem sequer questiona os ensinamentos que são proferidos pelo orador. Assim, de um modo geral, os enunciados exercem influência no coenunciador, de forma que seja silenciada a ideologia da sociedade mercantilista subjacente às proposições, aos ditos.

## 2.2. O processo intertextual no discurso vieiriano

É nos domínios da crítica textual que se pode fazer o estudo das diferentes significações dos enunciados num dado texto, levando-se em consideração as relações que este desempenha com outros textos. Nesse sentido, é posto em pauta o conceito de intertextualidade<sup>2</sup>, teorizado, primeiramente, por Mikhail Bakhtin, que defende o princípio do dialogismo existente entre os textos. Para ele, o texto é uma estrutura aberta que assimila outros textos dentro de um contexto sócio-histórico, permitindo a circulação de sentidos de uma obra a outra. Dois tipos de linguagem aparecem nesse processo: as linguagens de referência, que se relacionam com o mundo, e as linguagens de conotação, denominadas metalinguagens, que estabelecem relações com os textos.

Ao analisar o *Sermão da Sexagésima*, verifico que o processo intertextual, e por que não dizer dialógico, é marcante ao longo da leitura, pois há a intercomunicação e a sobreposição de diversos discursos. Vieira, ao apresentar citações de textos bíblicos, tomando por base o texto de São Lucas no capítulo oito e nos versículos de cinco a quinze, constrói sentidos por meio da ideologia dominante subjacente aos seus pensamentos intelectual, filosófico e religioso.

O discurso dialógico estabelecido no interior do sermão dá-se segundo duas perspectivas: a sincrônica e a diacrônica: a primeira, no sentido de o orador transpor para o momento da enunciação os diversos enunciados que fazem parte efetiva do sermão, mostrando, assim, a intradiscursividade; a segunda, no sentido de estar ligada à interdiscursividade, a partir da qual o sermão não é um organismo fechado em si mesmo, mas aberto à influência de diversos contextos, possibilitando ao próprio discurso sermonístico dialogar com outros discursos anteriores ao momento da escrita. Para que esse dialogismo se concretizasse, foram necessárias três atitudes: o ato de criar, recriar e citar. Segundo Kristeva (*apud* PERRONE MOISÉS, 1978, p. 63): “todo texto é absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos”.

Ao longo do *Sermão da Sexagésima*, é observado um efeito de linguagem denominado paráfrase, cuja técnica usada foi a da estilização. Vieira apropria-se de algumas passagens bíblicas e, logo depois, expõe sua visão acerca do texto citado, dando-

---

<sup>2</sup> Para explicar melhor tal processo, no romance *Cidade de Atys*, de Marcelo Novaes, a presença da intertextualidade é notadamente marcante, tendo em vista o escritor se apropriar de alguns trechos bíblicos, apresentando-os na obra através de “citações mais ou menos adaptadas”, como é o caso de algumas palavras proferidas pelo profeta Isaías (AJZEMBERG, 1998, p. 7).

lhe, assim, uma “certa inovação”, em que se reforça o sentido presente no texto original. Segundo Sant’anna (1988, p. 36), “[q]uando a estilização se dá na mesma direção ideológica do texto anterior, transforma-se numa paráfrase.”. Nesse sermão, dentre os textos bíblicos de que Vieira se apropria no intuito de comprovar sua visão conceptista de mundo, relacionando-a à realidade, destacam-se a parábola do semeador, o altruísmo e a vitória de Davi contra Golias, as visões de Ezequiel, as tentações que Jesus sofrera, dentre outras.

Tomando por base o fato de ser o eixo parafrástico posto em relevância ao longo do sermão, percebo que se trata da intertextualidade das semelhanças, cujo objetivo básico é o de permitir que o texto parafraseador seja semelhante no que diz respeito ao sentido apresentado no texto original. Nesse sentido, o texto parafraseador sofre, apenas, um desvio tolerável que mantém a continuidade semântica do texto original. A partir disso, noto que não se trata da intertextualidade das diferenças que é estabelecida pela paródia, permitindo ao texto parodiador um caráter descontínuo em relação ao texto original. É notório afirmar que essa semelhança entre o texto original, a Bíblia, e o texto parafraseador, o sermão, não pode ser considerada plágio, tendo em vista o orador, através da imagética e da recriação, mesmo que mínima do texto sagrado, demonstrar um caráter subjetivo, pessoal, quando explica as citações bíblicas de que se apropria.

Ao estabelecer as relações entre os diversos textos no interior do discurso sermonístico, Vieira toma um posicionamento crítico que visa a alcançar um dos objetivos: convencer o público quanto ao enunciado que está sendo proferido. A partir disso, há uma atitude conservadora estabelecida pela correlação intrínseca entre o discurso e a ideologia, pois, na medida em que o orador utiliza-se do significante, ele o une à sua concepção ideológica dominante, tendo por finalidade impor uma nova concepção de mundo ao ouvinte, embasando-se na ideologia capitalista típica da sociedade mercantilista da época.

O uso da “paráfrase estilizada”(se assim posso denominar) pelo padre Antônio Vieira consiste na reafirmação das idéias dominantes defendidas pelo jesuíta, colocando o discurso num estado de repouso, no qual prevalece a circularidade dos conceitos em defesa de uma única temática. Para Karl Beckson e Arthur Gans (*apud* SANT’ANNA, 1988, p. 17), paráfrase “é a reafirmação em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita. Uma paráfrase pode ser uma afirmação geral da idéia de uma obra como esclarecimento de uma passagem difícil.”.

Durante o processo intertextual, o discurso de Vieira reflete a conjugação de várias “vozes” que se unem no interior do sermão, revelando uma esfera dialética e dinâmica na construção de sentidos. Nessa acepção, o sermão é um texto polifônico, em que se entrecruzam vários discursos já enunciados em outros momentos históricosociais.

O entrecruzamento dos discursos constitui a pluralidade dos enunciados construídos por Vieira, o que corrobora a idéia de que não há um texto “totalmente novo”. Ao retomar outros textos e discursos, por intermédio da intertextualidade e da interdiscursividade, respectivamente, o orador abre espaço para que “outras falas”

dialoguem e se concretizem no momento da enunciação. Tomando por base o princípio do dialogismo, Bakhtin (*apud* BRANDÃO, 1993, p. 51) diz que “a palavra não é monológica, mas plurivalente, e o dialogismo passa a ser, no quadro de suas formulações uma condição *constitutiva* [grifo do autor da citação] de sentido.”.

Na busca por construir sentidos por meio do discurso, Vieira, de forma engenhosa, retoma alguns temas pregados em sermões anteriores e os enuncia de forma sintética e persuasiva no *Sermão da Sexagésima*. Alguns desses temas são: o poder das ações humanas, a influência e o poder da verdade no ato da pregação, a importância e os efeitos da genuína pregação.

Um dos recursos utilizados por Vieira para persuadir o público durante a pregação é a marca da terceira pessoa do discurso. Usando a impessoalidade, o *eu*- Vieira enuncia as ações do *ele* como uma espécie de observador, criticando o que vem sendo feito pelos demais pregadores que não são da ordem dos jesuítas. Nessa acepção, a ideologia vai sendo construída na relação orador-público: “*Pregam* [sem grifo no original] palavra de Deus, mas não *pregam* [sem grifo no original] a palavra de Deus” (p. 27); “*Usa-se* [sem grifo no original] hoje o modo que chamam de apostillar o Evangelho” (p.19) (VIEIRA, 1951).

Dirigindo-se aos religiosos jesuítas presentes na Capela Real de Lisboa, Vieira encoraja-os a persistirem pregando o Evangelho: “Zombem, e não gostem embora, e façamos nós nosso officio.” (Ibid., p. 33). Em Vieira, portanto, o pensamento expresso por intermédio das palavras não reflete apenas os ideais particulares do orador, mas sim de toda ideologia político-religiosa da época.

Foi através da adaptação da parábola do semeador, texto bíblico básico de citação, que Vieira conseguiu mostrar, ao longo de sua pregação, um dos fundamentos da sociedade religiosa e política da época: a hipocrisia. Ao fazer referência à figura do Diabo, Vieira relaciona as atitudes deste com aquelas pessoas que professam “verdades”, mas que, na realidade, não condizem com suas ações. Em contrapartida, ao tomar o exemplo de Cristo, que foi sábio e vitorioso diante das tentações que o Diabo lhe apresentara, o orador parece reportar-se a ele próprio e aos demais jesuítas, servindo de espelho para serem vistos e imitados pelo público. Nesse sentido, Vieira considera-se “pregador de Cristo” em detrimento dos oradores da ordem dos dominicanos e dos “hereges”, os quais eram considerados “pregadores do Diabo”. Dirigindo-se ao público, Vieira (1951, p. 28) enuncia:

[...]se Christo toma a Escripura para se defender do diabo, como toma o diabo a Escripura para tentar a Christo? A razão é porque Christo tomava as palavras da Escripura em seu verdadeiro sentido, e o diabo tomava as palavras da Escripura em sentido alheio e torcido: e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio, são armas do diabo.

Para o orador sacro, o que importa não é apenas o conhecimento teológico e filosófico, mas, sobretudo, a prática desse conhecimento. Daí, ele apresentar sempre duas

realidades no decorrer do sermão: uma, voltada à esfera do homem com Deus; a outra, do homem com o homem, podendo ser a segunda o reflexo e a afirmação da primeira: “...hoje prègam-se palavras e pensamentos, antigamente prègavam-se palavras e obras. Palavras sem obras, são tiro sem bala; atroam, mas não ferem.” (Ibid., p. 12).

É possível considerar ainda que Vieira defende a autenticidade de seu sermão através do intertexto de que se utiliza, assemelhando-se sutilmente ao pregador do Evangelho de São Lucas: “Saiba o inferno que ainda há na terra *quem* [sem grifo no original] lhe faça guerra com a palavra de Deus, e ainda a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto: *Et fecit fructum centuplum* [grifo do autor da citação]”. (Ibid., p. 36).

Em linhas gerais, para Vieira (951, p. 10), “O pregar não é recitar”, ou seja, pregar não é apenas transmitir mensagens memorizadas, como faziam alguns pregadores de seu tempo, mas é também estabelecer a relação entre palavra e ação, a fim de que os ouvintes não apenas escutem, mas vejam e sintam o poder que a pregação tende a causar no seu íntimo, chegando a transformá-los de maneira que o exterior passe a confirmar, através das ações, a mudança ocorrida.

### 3. Conclusão

O *Sermão da Sexagésima*, também chamado *Semen est verbum Dei*, é um dos sermões de Vieira de grande importância na sua trajetória como orador. Nesse sermão, Vieira utiliza-se do Evangelho para mostrar por meio da linguagem o verdadeiro sentido do que vêm a ser um pregador de “passos” e a sua pregação.

Convém dizer que o contexto sócio-histórico é um dos fatores que interfere substancialmente na produção sermonística de Vieira. No sermão em estudo, considerado como “prólogo para os demais”, dando-lhe o orador um caráter de metassermão, observo que esse contexto é refletido de maneira engenhosa e criadora. Segundo Maingueneau (1996, p. 46):

Na realidade, a obra não está fora de seu ‘contexto’ biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união.

A partir da análise feita do discurso vieiriano, é possível perceber que Vieira, ao pregar seu sermão, além de ter em mente propagar os preceitos da ordem jesuítica, visava também a interesses econômicos, sociais e políticos. Durante sua pregação, o processo persuasivo era construído de tal modo que fazia “calar” os implícitos subjacentes ao seu discurso. Nessa perspectiva, Orlandi (1997, p. 105) afirma:

Impor silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos.

#### 4. Referências

- AJZERBERG, B. A violência dos deuses. **Folha de S. Paulo**, 25 out., 1998.
- AZEVEDO, J. L. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e colonização**. Belém: SECULT, 1999. p. 7-14; 35-82; 309-319.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992. p. 9-196.
- BARTHES, R. O texto fechado. In: \_\_\_\_\_ et al. **Linguística e literatura**. Trad. Isabel Gonçalves e Margarida Barahona. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BRANDÃO, H N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 1993.
- CASTIM, F. Vieira: a retórica do barroco. **Revista Symposium**, Recife, v. 37, n. 3, p. 5-14, jan./jun., 1998.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 36. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 7-125.
- CUSATI, M. L. (Org.). **II Portogallo e I Mari: Un Incontro tra culture**. Napoli: Liguori Editore, 1994. p. 622-635.
- HADDAD, A. **Os sermões**. São Paulo: Melhoramentos, 1963. p. 9-70; 333 - 355.
- MAINGUENEAU, D. O discurso citado. In: \_\_\_\_\_. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 103-131.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- PERRONE MOISÉS, L. Crítica e escritura. In: \_\_\_\_\_. **Texto, crítica e escritura**. São Paulo: Ática, 1978. p. 35-57.
- SALOMÃO, S. **Sermão da sexagésima**. Brasília: Senado Federal, 1997. p. 7-52.
- SANT'ANNA, A. R. **Paródia, paráfrase e CIA**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1988. p. 5-96.
- SOUZA, P. Uma saga de fé. **Revista Eclésia**, São Paulo, n. 53, abr. 2000. p. 18-48.
- VIEIRA, A. Sermão da sexagésima. In: \_\_\_\_\_. **Sermões**. v. 1. pref. e rev. Padre Gonçalo Alves. Porto: Lello e Irmão, 1951. p. 1-36.

WEFFORT, F. Igreja evangélica, ilustre desconhecida. **Revista Eclésia**, São Paulo, n. 53, abr. 2000. p. 12-16.

